

Péricles, nosso poeta maior



Olga de Sá

Doutora em Comunicação e Semiótica, Mestre em Teoria Literária pela PUC-SP. Pós-graduada em Psicologia Clínica, diplomada em Ciências da Religião pelo Istituto Internazionale Sacro Cuore de Turim-Itália, bacharel em Biblioteconomia, titular por cerca de vinte anos do Programa de pós-graduação da PUC-SP

RESUMO: Bio-bibliografia da obra do poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos.

PALAVRAS CHAVES: Péricles Eugênio da Silva Ramos – biografia; Péricles Eugênio da Silva Ramos – bibliografia; Péricles Eugênio da Silva Ramos – crítica e interpretação

ABSTRACT: Bio-bibliography of the work of the poet Péricles Eugênio da Silva Ramos.

KEYWORDS: Péricles Eugênio da Silva Ramos – biography; Péricles Eugênio da Silva Ramos – bibliography; Péricles Eugênio da Silva Ramos – criticism and interpretation

A primeira edição da **Poesia quase completa** de Péricles Eugênio da Silva Ramos saiu em 1972 no Rio de Janeiro pela Editora José Olympio, incluindo **Lamentação floral** (1946), **Sol sem tempo** (1953), **Lua de ontem** (1960), **Futuro** (1968).

Estamos comemorando cem anos de nascimento de Péricles, em Lorena, no dia 24 de outubro de 1919.

Péricles começou a poetar quando se achava no 1º ano ginasial. Em 1936 viu, pela primeira vez, publicados dois de seus poemas em jornal do Rio de Janeiro: o **Diário de Notícias**.

Fez o curso de Direito na Universidade de São Paulo e alcançou o Prêmio Duarte de Azevedo e a quota máxima da Bolsa Antônio e Helena Zevener (em 1941).

Conquistou o prêmio Amadeu Amaral de poesia patrocinada pela Diretoria da Faculdade e figurou no volume **Poesia sob as Arcadas**, organizada por Cláudio Silveira Guimarães.

Militou no jornalismo por mais de vinte anos e o ensinou no curso correspondente da Faculdade de Comunicações Sociais Casper Líbero da PUC/SP.

O livro **Lamentação floral** lhe valeu o prêmio Fábio Prado de poesia.

Fundou em 1947, em São Paulo, a **Revista Brasileira de Poesia** e presidiu a Comissão Organizador do Iº Congresso Paulista de Poesia, realizado em 1948.

Em sua gestão como Diretor Técnico do Conselho Estadual de Cultura foram criados o Museu de Arte Sacra de São Paulo, o Museu da Imagem e do

Som e o Museu da Casa Brasileira.

Casou-se em 1947 com Nilza Duarte da Silva Ramos, tendo três filhos. Desde 1967 é membro da Academia Paulista de Letras, onde sucedeu a Sérgio Milliet.

Foi uma das figuras mais representativas da “Geração de 45”, considerado um dos maiores conhecedores da história da Poesia Brasileira e de sus aspectos técnicos.

Impôs-se como tradutor, tendo alcançado larga repercussão nas traduções dos Sonetos de Shakespeare e do **Hamlet**, este levado à cena pelo ator Sérgio Cardoso. Da tradução dos Sonetos já se afirmou que constitui a mais notável contribuição jamais realizada entre nós a esse respeito e do **Hamlet** asseverou-se que já nascia uma tradução clássica.

A republicação quase completa dos livros de Péricles tornou-se necessário para facilitar o conhecimento das obras por parte dos leitores que só têm acesso aos poemas do Autor, editados em antologias.

Pelo próprio testemunho do Poeta, três foram as linhas que adotou: a puramente lírica em **Lamentação floral** e **Sol sem tempo**, a da poesia-verdade, que é a da Lua de ontem clara e marcada pela presença da terra, e a do Futuro, marcada pelos signos da prospecção do ser no tempo e da tentativa de sentir e compreender as pessoas como dignas de viver uma vida profunda e sem sofrimentos desnecessários. Acentue-se que o Autor, formalmente, jamais desejou retrocesso algum a formas gastas, e sim a criação de formas novas.

Já no primeiro poema de **Lamentação floral**, como em muitos outros desse livro, ele sistematizou o seu próprio verso livre, fazendo-o flutuar de 8 a 210 sílabas, num ritmo sustentadamente binário. Ele mesmo diz desconhecer precedentes dessa sistemática em qualquer poema anterior de nossa língua, o que prova que o Autor não procurava repetir ninguém e as moldar seu próprio verso livre em bases rítmicas binárias.

Eis parte do primeiro poema **Lamentação floral**:

O mundo, o novo mundo

Porque tentasse decifrar os signos da matéria,
Com seu rumor de concha sob a forma silenciosa;
Porque seus olhos desejassem ver além do que se vê,
Os pés feriram a à margem do caminho,
Dilacerou as mãos nas garimpas da montanha.
Ali poeta! A palavra é que foi visão, a palavra foi a asa com que transpuseste o vale do mistério.
Tu fazes nascer um novo homem, encrespas um novo mar, um novo mundo se contorna.

Epigrama nº 2

Terra Natal

Infância, irmã dos pássaros

Epigrama nº 4

Pêndulo

No pensamento o sonho,
Esta beleza aflita que não morre
No chão, porém,
Como um sinal definitivo,

Uma gota de sangue
E um punhado de cinzas...

De sol sem tempo

Amor

Manchei-me com teu sangue,
Ao longe, batendo nas pedras,
o mar.

Pureza de asas?

Péricles em **Sol sem tempo** faz seu poema à noite e diz no meio deles:

Se é noite, se é noite funda
E os seres se fazem sombras,

Pela treva, rubra de iras,
corre o pulso do extermínio,

se é noite, a face de Deus
cintila na escuridão.

.....

Se é noite, o punho de Deus
Se abata sobre o que é vivo:
Se é noite, noite, se é noite,
Que a sombra leve o universo, se é
noite pelos rochedos
Se é noite....
Na terra gasta
Nunca mais se faça a luz

Em **Lua de ontem**, o Poeta passeia pela História, e resgata as estrelas, as cores, as árvores, os pássaros, os animais e as casas e antes da "Descrição do tempo", traça o "Epigrama do Paraíba":

"Em tuas águas, rio?
Longo tempo divisei ondinas.

Hoje as águas são águas



- e nada mais desejo.

Na “Descrição do tempo”, inicia com o Salmo à cidade e rebanha a “Pré-História ou Sertão de Guaipacaré”; no paço diante da el Rey, Manuel João Branco e depois regresso a sua casa em São Paulo, terra do ouro, Caminho das Minas, do Vale do Paraíba à Serra da

Mantiqueira e daí a Cataquazes pelo passo do Embaú!

Nos próximos poemas, Péricles delineia uma trajetória, segundo o **Pentateuco**, os cinco livros primordiais da Bíblia, como se a fundação da sua terra recriasse o universo: **Gênese** (origem do mundo), **Êxodo** (saída do Fundador),

Levítico (o livro das Leis), **Números** (os Fundadores), **Deuteronomio** (as novas Leis) e **Juízes** (a posse da Terra).

No **Gênese** ou Crônica da Fundação do Arraial, Bento Rodrigues Caldeira, senhor de terras em Guaipacaré, subiu a serra da Mantiqueira para tentar a sorte.

Rico, voltou para suas terras e com outros fundou um povoado pacífico e levantou a capela de Nossa Senhora da Piedade de Guaipacaré, em frente ao porto do Rio Paraíba.

Ali viveu até que velho e enfermo, vê a tarde declinar, sai para a porta, olha as casas e as pessoas, contempla as garças a fugirem no horizonte, os pombos a se esbaterem contra o céu azul, esse manto desdobrado de Maria, Senhora Nossa e Virgem da Piedade.

Em **Êxodo** ou “Lamento de Bento Rodrigues”, queixa-se porque o Arraial que fundou não traz seu nome e nem sabe que existiu.

Em **Levítico** ou “A primeira pregação”, o vigário Pedro Vaz Machado, o primeiro que serve nessa igreja, consagrada a Nossa Senhora de Piedade, aconselha sofrer, porque sofrer é ouro para a eternidade.

Em **Números**, se faz o recenseamento, a névoa cobre os tempos iniciais, embora não a ponto de ocultar os fundadores da capela e do povoado.

E houve também no século do início, duas brumas Vasconcelos, caçoulas triplas de violeta e de alcaçuz: rosa Maria Violante e Rita Margarida Angélica, meigas e longas, quase nuvens, quase garças.

Carlota Leopoldina, a Viscondessa que ergue igrejas, distribuiu esmolas, acendeu aos aflitos e foi mãe de novos titulares: Joaquim José, o Conde de Moreira Lima, que generoso, benemérito, incansável, foi o socorro do dos anciãos e dos enfermos. Eulália, a Baronesa esposa de seu primo, a qual ainda recordam na cidade, o órgão da catedral, quando soluça, e o relógio da torre desse templo, quando badala.

Lembram-se escritores como Euclides de **Os Sertões**, na época engenheiro de obras públicas, o sábio João Ribeiro, o historiador José Maria Belo.

Deuteronomio ou D. Bernardo José de Lorena, conde de Serzedas, comendador da Ordem de Cristo, Governador e Capitão General de São Paulo e de Minas Gerais, Vice-Rei da Índia, assim é D. Bernardo de Lorena e Silveira, o abridor de caminhos, plantador de cidades, incluindo a meiga cidade a que deu o seu nome: Lorena.

Juízes ou da posse da terra. Então o juiz ordinário Capitão Manuel Domingues Salgueiro, resolveu gravar nas crônicas e inscrição da terra:

Neste solo que é solo de São Paulo,
Cravo este marco de lavrado ipê;
Na outra margem é Rio de Janeiro,
A quem do Pirai tudo é Lorena.

Seguem-se poemas ligados à história da cidade como “Política imperial” em que está presente o Dr. Inácio Manuel Álvares de Azevedo, pai de um menino que seria, daí a anos o grande poeta Alvares de Azevedo.

Separados os fatos políticos, sobressai a “Meditação do engenheiro Ramos de Azevedo” que fez a Catedral de Lorena com seus vitrais e o mármore nas colunas e nos altares, no lampadário e na cúpula. Hesitou muito sem saber para onde voltar a face de seu templo. Não quis que sua catedral voltasse as costas para o rio, nem para a Mantiqueira. A Catedral recorda sempre o seu construtor.

Vem a Lei Áurea, as torres da Basílica de São Benedito onde foi sepultada a esposa do Conde de Moreira Lima, Risoleta, papoula branca, que dá ao templo um ar tristonho de magnólia ao pôr do sol.

Vinha o Conde, o cocheiro, negro retinto sofreu os cavalos sob os ramos da maria-preta. Passava o trenzinho de Piquete. Desaparecido o último vagão, os animais se moveram; mas, por detrás das folhagens, como um dies irae de fogo e velocidade surgira o rápido paulista!

Num segundo, os cavalos foram atirados a distância; o Conde projetado do carro, fraturou os membros, o cocheiro, esse estraçalhou-o a locomotiva.

Ancião já sem forças, o Conde foi levado para a Santa Casa – e veio a faltar meses depois; os cavalos estropiados, ficaram a sangrar na valeta, rinchando espantosamente, e afinal os mataram a tiros de revólver; quanto ao cocheiro, viu-se-lhe a mulher, com um caixote na mão, andando pelos trilhos a pegar-lhe os restos, branquejando em meio a uma pasta sangrenta. Horas depois, ela ainda seguia pelos dormentes; de longe, ninguém percebia que sequer chorava, tanto a aturdira o golpe, mas os corvos da figueira velha não tiveram o seu festim.

Musa das tragédias anônimas, como dizer tão longínqua desgraça? No caixo-

te, pedaços de carne, de uma carne que vivera, que fora amada...

Musa distante, silencia, enxuga os olhos e silencia, ó Musa conturbada, Musa tempestuosa, ó Musa do ébano.

Neste cemitério, parece, a morte se faz doce.

“Aqui jaz o cap. João Inácio Bittencourt, nascido em 29 de janeiro de 1832 e assassinado em 18 de abril de 1879.

Tributo de amizade”.

João Inácio tem sepultura e, nome de rua, quem o matou, o negro Tibério, seu escravo, não tem cinza sequer,

Mas a perpétua e fria execração do mármore.

Este é um cemitério, um cemitério amigo,

Cheio de venerável companhia:

A Viscondessa,

Que dorme na cripta da Capela São Miguel das Almas,

Os Barões de Santa Eulália,

Em seu mausoléu circular e brasonado;

Gama Rodrigues, médico, político, escritor,

Que causava a impressão em tardes já distantes,

De não ser feito do barro comum dos homens.

Assumindo a voz de Bento Rodrigues e fala de sua vida. Aqui existiu, casou-se, trabalhou, criou seus filhos. Fundei um povoado, erguendo à margem do Rio uma capela à Virgem da Piedade.

Aqui solharam moças ao luar;
Aqui se ouviram preces e gemidos;
Remanso idílico de ipês e suinãs e
de enormes figueiras, tema de mo-
destos sonhos, plaino generoso, co-
ração desperto, aqui rolou a morte,
aqui soluça a vida.

Bento Rodrigues Caldeira dissipou-
se como nuvem;

Mas ficou a cidade, a história, a len-
da, todo um povo.

Não, este não é um cemitério,
Um lugar de mortos e sepultos,
Mas uma sala de visitas, onde,
depois de longos anos,
Encontram-se os amigos, que se
põem a conversar,
Em espírito, em memória, em
saúde.

Joana Madalena, avó do poeta,
Lua de ontem, cega, chuleava
roupa,

Não via, mas chuleava.

E tinha noventa anos. E era cega.
Mas chuleava.

O poeta ensinou seu nome aos
pássaros em fuga.

O último livro **Futuro** consta de
“Metafísica” e “Máscara de sol”. Onze
futuros e muitas homenagens a Cecília
Meireles, à velha tia, à Maria, a Frei João
Maria, ao Padre J. Deretz, sabendo que
nascemos nus, o tempo é que nos veste
de dentro para fora, o tempo, o velho rei
que nos conduz e no auge nos derruba.

De muitas vestes cobre-nos o velho
Rei:

Cada dia que passa deixa sobre nós
A poeira da alegria e da tristeza,
As roupas de veludo, linho ou
seda.

Ou de tecido mais grosseiro e
pobre.

A alma nua, a alma branca, a alma
sem

Tempo é luminosa e pura mas não
sabe

Decifrar a bruma que nos cerca,

Não sabe devassar as próprias
névoas.

Este livro que contém a **Poesia qua-
se completa de Péricles**, foi publicado
em abril de 1972, no Sesquicentenário da
Independência do Brasil, mas é a eterna
voz do Poeta porque foi ele quem falou
o tempo todo. A voz é dele e devia ecoar
nas escolas, sempre, para que a poesia
seja o clima espiritual de Lorena e nun-
ca silencie a voz de seu poeta maior.

